

MARQUETTI, F. R.; FUNARI, P. P. A (Orgs.). **Sobre a pele. Imagens e metamorfoses do corpo**. São Paulo: Intermeios, 421 p, 2015.

Rafael Kenji Hirauka¹

A obra tem por tema principal “a pele” e muitos desdobramentos do significado da palavra colocados em situações diversas. Organizado por Pedro Paulo Funari e Flávia Regina Marquetti, a obra contou com a participação de vinte e dois autores, que pesquisam em variadas áreas do conhecimento como História, Filosofia e Sociologia, tendo a obra em si grande interdisciplinaridade.

O prefácio é de Carmen Lúcia Soares, professora livre docente da Unicamp. Os organizadores Flávia Regina Marquetti e Pedro Paulo Funari fazem a introdução do livro.

A obra possui quatro partes, que articulam os focos temáticos que são importantes para os diálogos propostos e funcionam como uma marcação transitória de um assunto para outro; são elas intituladas: “DO CORPO AOS ADORNOS – ORIGENS”; “PELES VESTIDAS DE IMAGENS”; “A ARTE NO CORPO” e “A PELE E A URBES”. Seguirei essa marcação feita pelos autores para melhor compreensão da presente obra.

O objetivo do livro é apresentar as diversas caracterizações a respeito da pele, explicitando muitas significações que vão além da normal, elevando o conceito de pele/derme. Já no começo do livro, com o propósito de expandir o conceito de pele, Marquetti e Funari apresentam-na como o invólucro que separa o interior do exterior, assim, o diálogo inicial está nas muitas representações e expressões sobre a epiderme da vida em nível geral.

Em “DO CORPO AOS ADORNOS – ORIGENS”, parte inteiramente dedicada ao período da Antiguidade, é realizada uma quebra necessária com a historiografia clássica, que pontua nossa existência a partir da escrita e na separação entre pré-história e história. Antes da escrita, existiam já manifestações da atividade humana, como mostram Denis e Agueda Vialou por meio dos vestígios arqueológi-

¹ Graduando do 2º ano de História da Universidade do Sagrado Coração (USC/ Bauru/SP) Resenha realizada sob a orientação da Prof^{ca} Dra. Lourdes M. G. C. Conde

cos sendo nesse período sem linguagem escrita o corpo o principal agente social; as primeiras atividades representativas estão nas sepulturas e, posteriormente, nos adornos corporais e grafismos.

Como parte desta delimitação, Solange Schiavetto faz um ensaio a respeito dos tupi pré-colombianos por meio de dois grupos de mesma base linguística: os tupinambás e os guarani. A autora usa de conceitos amplos para explicação da identidade destes povos. Antropologicamente, o capítulo mostra grande diversidade identitária mesmo em grupos semelhantes, tendo como fonte a arte em cerâmicas, uma característica de identidade do povo, que forma a sua cultura material-imaterial.

A partir do confronto entre duas fontes, Nathalia Monseff Junqueira inicia o debate sobre identidade e gênero na Antiguidade Clássica tendo como fonte a obra literária “Histórias”, de Heródoto de Helicarnasso, e os registros iconográficos da cerâmica ática. A literatura era uma atividade aristocrática, em oposição à cerâmica, que era mais popular. O uso dos dois tipos de relatos do mesmo período possibilita à autora o confronto para entender as relações de gênero e identidade.

Posteriormente, Marina Regis Cavicchiolli analisa o conceito de beleza feminina e suas representações no contexto mítico. A iconografia estudada mostra o poder da beleza feminina idealizada, com destaque para Pompéia, tendo Venus como protetora da cidade, deusa do amor e da fertilidade, e totalmente ligada ao sentimento daquele povo. As variadas imagens mostram representações que contradizem os valores aristocráticos e evidenciam outros modos de se relacionar com a deusa protetora da cidade.

A pele e o corpo e muitas áreas do campo social e do representativo estão na mira das relações de poder, como mostram Lourdes Conde Feitosa e Pedro Paulo Funari a partir da análise da obra de Ovídio. O poeta considerava importante para as mulheres a pele bem branca e um corpo roliço, já para os homens, corpo bronzeado e a prática de exercícios. A partir desse enunciado, os autores apresentam o contexto dessas características, sendo o ócio da aristocracia romana um fator determinante no culto ao corpo pelos romanos.

Em seguida temos “PELES VESTIDAS DE IMAGENS”, parte que foca nas modificações corporais e a sua relação com a sociedade contemporânea. A pele hipertatuada, tema de Vitor Sergio Ferreira, foca nessa manifestação que foge à normatividade, causa um estranhamento pelo exagero e subjetividade relacionados com o consumismo e a identidade. As modificações corporais sofrem com

as reações populares, não só pelo que foi registrado, mas também pela reação de quem a vê; duas esferas conectadas entre si.

Em um contexto diferente, Bebel Nepomuceno mostra as modificações corporais nas sociedades africanas. Nos povos da África, estão ligadas à cultura de um grupo e com à identidade do sujeito em determinada área da sociedade; nesse contexto, o corpo é um grande agente de comunicação. As modificações vão acontecendo conforme o indivíduo passa por diferentes fases da vida, legitimadas e expressas na pele, sinal de sua posição na sociedade, além de fortalecer as relações familiares e sexuais conforme o tempo.

Para a sociedade chinesa, Miriam Gorender destaca a tradição milenar dos “pés de lótus”, uma característica importante para as mulheres da época, sinal de uma posição social elevada. Os pés atados eram um artefato social e cultural muito importante, já que se acreditava que as mulheres com os pés atados possuíam características especiais que as diferenciavam das demais.

O corpo vestido é o tema de Maria Claudia Bonadio, que investiga sobre a linguagem da indumentária, sendo principalmente as roupas um instrumento social. Por meio dela demonstram-se aspectos da condição social, de escolhas culturais e políticas. As roupas ampliam o conceito de externo e funcionam como uma segunda pele, sendo uma pele social manipulada ou de resistência e transitória.

A “A ARTE NO CORPO” começa com Beatriz Ferreira Pires e foca na manifestação artística do corpo. Quando um corpo está em *performance*, ele foge do tempo linear e se aproxima da criatividade. O que antes estava restrito ao sagrado, ganha sentido contemplativo e reflexivo com a arte.

Flavia Regina Marquetti analisa como o teatro, desde a Antiguidade, é uma das primeiras atividades artísticas organizadas pelos homens e como é um modo popular de apresentar críticas, denúncias e posições a respeito da realidade em que vive e como um ator em si faz de seu corpo outro corpo, quando em atuação.

Até o cinema, que se utiliza das simplicidades e das imagens para criar um discurso, usa a pele de diversas formas. A análise de alguns filmes feita por Miriam Paula Manini evidencia como a pele pode destacar-se como uma personagem principal e determinante na trama de um filme.

Gilsamara Moura mostra a relação de pele e arte por meio da dança; evidencia a parte motora e a relação biológica e psíquica en-

tre o desenvolvimento interno e a manifestação externa. Posteriormente, apresenta dançarinos que foram importantes para arte, revolucionando não só a dança, mas toda uma série de manifestações por meio do corpo.

Rosana Horio Monteiro apresenta as imagens médicas e como a produção científica foi muito influenciada pela arte na sua origem. As imagens difundidas dão uma nova idéia de interno, além de estabelecerem um diálogo com outras áreas de fora da ciência, criando uma produção imagética.

A última parte do livro é “A PELE E A URBES”, que trata da pele das cidades. Renata Plaza Teixeira reflete sobre as inscrições na pele (paredes) da cidade e apresenta uma análise dos registros nas paredes de alguns países. As marcas na parede são expressões de uma espontaneidade e um registro do forte sentimento individual do autor, que transcende o seu interior e se manifesta marcando a outra pele: a da cidade.

A partir da relação de corpo e cidade, Sérgio Stähelin apresenta a cidade como uma metáfora dos corpos, nos quais há pessoas que funcionam como o cérebro e estruturas que agem como pele e outras como órgãos do corpo. Nessa relação, a cidade se torna viva; assim, conforme o homem muda com o tempo, as cidades também mudam, acompanhando as transições.

Escrevendo sobre a formação moderna das cidades, Edivaldo Góis Junior mostra a relação dos esportes com as cidades no séc. XIX. Os esportes chegam da Europa com o rótulo de moderno, no começo da nação brasileira. Esses esportes, ao integrarem a sociedade, estabelecem novos agentes sociais e ajudam na diversidade cultural do país, além de estabelecerem novas relações de poder.

Por último, Verona Campos Segantini e Andrea Morena consideram a construção da cidade de Belo Horizonte no final do séc. XIX e início do XX. Utilizam como fonte as crônicas escritas na época, que demonstram como a organização urbana exigia uma reeducação e um aprendizado para se conviver nesse novo espaço. Mostram os primeiros contatos dos moradores com a urbanização, além de destacarem a nova cultura material que estava se estabelecendo.

O livro explora uma diversidade de delimitações do tema “pele”; amplia o conceito de pele para outras áreas e propõe um exercício interdisciplinar do estudo, em uma conexão com aspectos culturais de épocas variadas, criando um foco discursivo em comum. Destaca-se a linguagem e temática inovadora, que conseguem romper com antigos preconceitos e conceitos, e propicia um debate atual a partir de fontes que variam cronologicamente.